

# EVOLUÇÃO DO PRETÉRITO ANTERIOR NA LÍNGUA PORTUGUESA

Jan Hricsina

Ústav románských studií, Filozofická fakulta, Univerzita Karlova v Praze,  
nám. Jana Palacha 2, 116 38 Praha, Repúblika Checa  
jan.hricsina@ff.cuni.cz

## EVOLUTION OF THE PAST ANTERIOR IN THE PORTUGUESE LANGUAGE

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the frequency and use of the past anterior ('pretérito anterior') in the evolution of the Portuguese language. The author studies the occurrence of this tense in various types of sentences (syntactic aspect) and various temporal meanings that it expresses (semantic aspect). The analysis is performed via the diachronic linguistic corpus *www.corpusdoportugues.org*.

**Keywords:** past anterior; Portuguese; corpora analysis; diachronic linguistics; functional linguistics

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é analisar a frequência e o emprego do pretérito anterior na evolução da língua portuguesa. Estudamos a ocorrência deste tempo em vários tipos de orações (aspeto sintático) e vários significados temporais que pode exprimir (aspeto semântico). A análise é efetuada no corpus linguístico diacrónico *www.corpusdoportugues.org*.

**Palavras-chaves:** pretérito anterior; Português; análise de corpora; linguística diacrónica; linguística funcional

## 1. Introdução

Nas línguas românicas contemporâneas, o paradigma<sup>1</sup> formado pelo verbo auxiliar *habere* no pretérito perfeito simples e particípio passado pertence aos tempos arcaizantes cujo uso é restrito à língua escrita.<sup>2</sup> Em espanhol, o paradigma é tradicionalmente

<sup>1</sup> Pelo termo paradigma entendemos o conjunto de todas as formas gramaticais dum verbo que têm o mesmo valor modotemporal.

<sup>2</sup> Segundo o romanista checo Bohumil Zavadil, o facto de este tempo se restringir apenas à língua escrita é dado pela sua ocorrência quase exclusiva em orações temporais em que a anterioridade imediata é co-denotada por uma conjunção ou é deduzível do contexto da frase (Zavadil-Čermák 2010: 285).

denominado «pretérito anterior» e serve para exprimir a anterioridade imediata duma ação relativamente a outro processo passado. Pode figurar apenas em orações temporais depois de várias conjunções: *apenas, tan pronto, después que* e outras (Zavadil-Čermák 2010: 284-285).

Em francês, este tempo («passé antérieur») pode denotar os processos ocorridos imediatamente antes de outros passados ou aqueles cujas consequências persistem. Emprega-se também sobretudo em orações temporais depois das conjunções seguintes: *quand, lorsque, après que, dès que, aussitôt que, à peine... que, du moment que* (Šabršula 1986: 213-214).

O «passé antérieur» francês pode exprimir também os processos resultativos ou estados resultantes da sua conclusão (Šabršula 1986: 237).<sup>3</sup>

A situação na língua italiana contemporânea é idêntica à da língua espanhola. O «trapassato remoto» italiano exprime a anterioridade imediata a processos pretéritos e emprega-se exclusivamente na língua escrita em orações temporais introduzidas por várias conjunções: *dopo che, appena, quando* e outras (Hamplová 2004: 192-193).

Diferentemente do que acontece nas línguas românicas mencionadas, no Português Contemporâneo este paradigma não existe. Segundo algumas gramáticas históricas da língua portuguesa (Huber 2006; Dias 1933; Silveira Bueno 1955), este tempo existia no Português Antigo<sup>4</sup>. No entanto, o seu emprego nunca foi estudado duma maneira pormenorizada. Por isso, decidimos analisar o uso e a frequência deste paradigma na evolução da língua portuguesa no corpus linguístico [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).<sup>5</sup>

## 2. O pretérito anterior em Português

Ao consultarmos as gramáticas históricas da língua portuguesa acima referidas (Huber 2006; Dias 1933; Silveira Bueno 1955), não recolhemos muitas informações sobre este tempo a que a maioria dos linguistas nem dá nenhum nome.

Joseph Huber, romanista austríaco, menciona este paradigma na sua *Gramática do Português Antigo*<sup>6</sup> e denomina-o «definido anterior»<sup>7</sup>. Descreve a sua formação, mas não nos informa sobre o seu emprego (Huber 2006: 253).

Augusto Epifânio da Silva Dias, linguista português, ao falar deste tempo na sua obra *Syntaxe Histórica Portuguesa*, nem o denomina. Informa-nos que se usa sobretudo

<sup>3</sup> Jan Šabršula menciona o exemplo seguinte deste uso: «Les pompiers se jetèrent avec courage à l'assaut de la fournaise, mais ils eurent bientôt épuisé leurs réserves de mousse carbonique et l'incendie continuait à rager...» (Šabršula 1986: 237).

<sup>4</sup> Por Português antigo entendemos a língua usada no Reino de Portugal dos finais do século XII até meados do século XVI.

<sup>5</sup> O corpus elaborado por Mark Davies (BYU) e Michael J. Ferreira (Georgetown University) contém mais de 45 milhões de palavras nos textos provenientes dos séculos XIII-XX escritos em ambas as variantes principais do Português, respetivamente no Português Europeu e no do Brasil.

<sup>6</sup> Este livro foi publicado pela primeira vez em Alemão sob o título *Altportugiesisches Elementarbuch* pela editora Carl Winters Universitätsbuchhandlung em Viena no ano de 1933. Foi traduzido para Português por Maria Manuela Gouveia Delille em 1986.

<sup>7</sup> O autor usa a palavra «definido» em vez do termo tradicional – *pretérito perfeito* (Huber 2006: 239).

em orações temporais no Português Arcaico Médio e exprime geralmente que em certo momento do passado uma ação estava consumada (Dias 1933: 191-192).

O historiador brasileiro da língua portuguesa Francisco Silveira Bueno denomina este tempo «perfeito anterior» e menciona alguns exemplos provenientes do Português Medieval sem os comentar. Na sua opinião, este paradigma deixou de se usar no Português clássico<sup>8</sup> (Silveira Bueno 1955: 172).

Segundo as linguistas portuguesas Adriana Cardoso e Susana Pereira, não há dúvida de que o paradigma *houve feito* tenha exprimido o processo singular (não iterativo) e tenha tido o valor temporal de anterioridade. É provável que as duas construções formadas pelo verbo auxiliar *haver* e particípio passado, respetivamente *hei feito* e *houve feito*, tenham denotado situações perfeitivas e anteriores com o valor de «current relevance», ou seja, ações expressas pelo tempo em questão estavam relacionadas seja com o momento de enunciação (*hei feito*), seja com o ponto de referência que fica anterior ao momento de enunciação (*houve feito*) (Cardoso-Pereira 2003: 173-174).

Recentemente, este tema foi tratado pelo romanista húngaro Tibor Berta (Berta 2017). No seu artigo, ele analisa os tempos compostos na tradução portuguesa de *História de Vespasiano* que foi feita no final do século XV. Comparando as duas versões do livro (espanhola e portuguesa), conclui-se que o pretérito anterior é menos frequente com o verbo auxiliar *ter* que com o auxiliar *haver*. Da sua análise comparativa resulta também que o tradutor do livro para português substituiu muitas vezes o pretérito anterior espanhol por outros tempos, nomeadamente pelo pretérito perfeito simples.

No Latim clássico, este tempo não existia. Segundo o romanista checo Bohumil Zavadil, o seu paradigma foi formado provavelmente nas fases arcaicas das línguas românicas. Prevê-se uma formação analógica segundo os modelos do pretérito perfeito composto (*hei feito*) ou do mais-que-perfeito composto (*havia feito*) (Zavadil 2004: 307-310).

### 3. Métodos de análise

Para analisar a frequência e o emprego do pretérito anterior na evolução da língua portuguesa, aproveitámos o corpus linguístico disponível em *www.corpusdoportugues.org* que permite fazer pesquisas diacrónicas. Analisámos as ocorrências das seguintes estruturas: os verbos *haver*, *ter* e *ser* + particípio passado ([*haver*] ou [*ter*] ou [*ser*] [*vk\**]) entre os séculos XIII e XX.<sup>9</sup> Tal procedimento mostrou as construções compostas dos verbos em questão em todos os paradigmas (indicativo do presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples, infinitivo, etc.) e do particípio passado. De todas as construções ocorridas escolhemos e analisámos apenas os casos do pretérito anterior formados tanto com o verbo auxiliar *haver*, quanto com os auxiliares *ter* ou *ser*.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> O período do Português clássico começa em meados do século XVI e termina no início do século XVIII.

<sup>9</sup> A análise *in corpora* foi realizada em janeiro de 2017.

<sup>10</sup> No Português Antigo, existiam três verbos auxiliares: *haver*, *ter* e *ser*. O seu emprego era diferente: os

### 3.1. Análise *in corpora*

#### 3.1.1. Século XIII

No que diz respeito à pesquisa efetuada no *corpus* para o século XIII, obtivemos os seguintes resultados. Registámos apenas uma ocorrência do pretérito anterior formado pelo verbo auxiliar *ter*, encontrando-se na oração principal e exprimindo o valor temporal do passado.

(1) Em ûa noite o **tive chegado**; diss'eu entom com'agora vos direi: «Bom grad'a Deus, ca já agora haverei o bem porque andava em cuidado» (*Cantigas de Escárnio e Maldizer*, 1201-1300).

No *corpus* apareceram 69 ocorrências do pretérito anterior formado pelo auxiliar *haver*. Em 66 casos, este paradigma encontra-se em orações subordinadas temporais depois de várias conjunções temporais: *depois/pois (que)* – 37 ocorrências; *quando* – 22; *des que* – 2; *logo que* – 2; *tanto que* – 1; *logo quando* – 1 e *assi que* – 1. Na maioria destes casos, o pretérito anterior exprime a anterioridade imediata ao processo denotado na oração principal. Este valor temporal é co-designado também pela conjunção temporal (ex. 2, 3 e 4).

(2) Quand' esto ll' **ouve dito**, logo ss' ia; e o freir' a outros freires dizia est', e cada tûu deles respondia (*Cantigas de Santa Maria* 3).

(3) Logo que est' **ouve dito**, / foi de todo mui ben são, e quantos aquesto viron / loaron poren de chão a Virgen Santa Maria (*Cantigas de Santa Maria* 2).

(4) E pois aquest' **ouve feito** / e conpriu ssa oraçon, viu log' as portas abertas, / e foi en seu coraçõn muit' ende maravillada, porque moller nen baron non vira que llas abrisse (*Cantigas de Santa Maria* 2).

Registámos 3 casos em que este tempo apareceu numa oração subordinada diferente (não temporal). Veja-se o exemplo 5 em que o pretérito anterior se encontra na oração subordinada adversativa.

(5) E meteu mui grandes vozes / e disse que a forçara o mançebo na carreira / e ferir' e desonrrara e a força per cabelos / do caminno a sacara, que ren valer no-lle pode, / pero **ouve braadado** (*Cantigas de Santa Maria* 3).

Deparámos também com um caso em que este paradigma exprimia um processo posterior à outra ação denotada em oração subordinada (ex. 6).

(6) E pois que aquesto disse, a saet' **ouve tirada** suso escontra o ceo (*Cantigas de Santa Maria* 2).

---

auxiliares *haver* e *ter* usavam-se com os verbos transitivos e o auxiliar *ser* com os verbos intransitivos ou os de movimento. O seu uso variava também em linhas diacrónicas: o verbo *haver* predominou nos séculos XIV e XV e o auxiliar *ter* passou a ser muito mais frequente depois do século XV (Brocardo 2014: 135; Hricsina 2017). Vários historiadores da língua portuguesa têm considerado a perda de certas características formais, sobretudo a perda da concordância do participio com o objeto direto, como um traço essencial da transformação da estrutura resultativa em tempo composto (Said Ali, Mattoso Câmara Jr., Mattos e Silva entre outros). Porém, alguns estudos mais recentes demonstraram que já no Português Antigo existiam tempos compostos com a concordância participial (Cardoso, Pereira 2003). Segundo estas autoras, na abordagem dos tempos compostos em Português, a análise semântica baseada em contrastes temporais e aspetuais é mais profícua do que critérios formais. É este método que queremos aproveitar também no presente artigo.

No que diz respeito ao pretérito anterior formado pelo auxiliar *ser*, registámos apenas 8 ocorrências. Diferentemente do que aconteceu com os outros verbos auxiliares (*haver, ter*), na maioria dos casos, estes exemplos não se encontram em orações temporais. Veja-se o exemplo 7 em que o pretérito anterior aparece na oração subordinada causal.

(7) Pero non foi arribado, ca o barco **foi tornado** e el na agu' afogado ante que chegass' aquen (*Cantigas de Santa Maria 2*).

Registámos apenas um caso em que este tempo aparece em oração temporal com o valor temporal de anterioridade imediata (ex. 8).

(8) E meté-o eno saco do fillo; e pois **foi ydo**, foi tan toste depos eles, metendo grand' apellido que lle levavan seu vaso / de prata nov' e bronido (*Cantigas de Santa Maria 2*).

A percentagem relativa das ocorrências do pretérito anterior no século XIII segundo o tipo de oração é apresentada no gráfico 1.

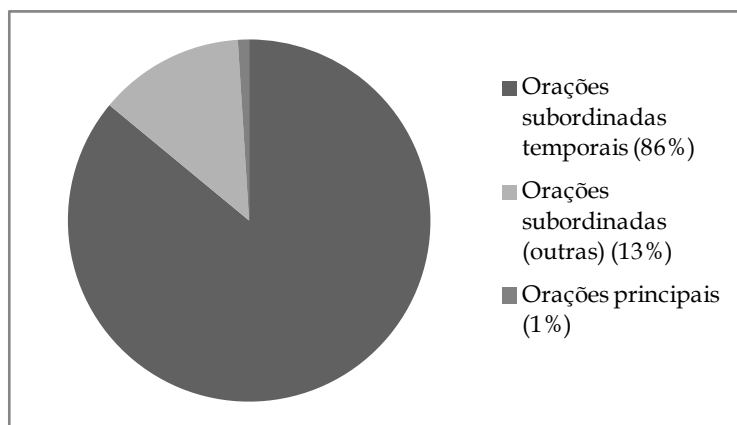


Gráfico 1. Ocorrência do pretérito anterior em vários tipos de orações no século XIII

### 3.1.2. Século XIV

Para o século XIV registámos 8 ocorrências do pretérito anterior formado pelo verbo auxiliar *ter* no total. Em todos os casos encontrados, o paradigma figurava na oração subordinada temporal e tinha o significado temporal de anterioridade imediata. As conjunções depois das quais este tempo aparece são as seguintes: *depois que* – 5 casos, *como* – 2 e *tanto que* – 1 (ex. 9, 10 e 11).

(9) E, depois que ella esto **teve postado** cõ el rei, tirou muitos thesouros que ella tiinha guardados e deulhos em tanto avondamëto que elle entendeo que era assaz (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

(10) E, tanto que elle **teve guisado**, foisse espedyr del rei (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

(11) E, como **teverõ regida** sua batalha, moverõ logo cõtra o Cide, cuydandoo de tomar aas mãos (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

Nos dois exemplos encontrados, a conjunção *como* tem um sentido mais temporal do que causal (ex. 11).

O número das ocorrências do pretérito anterior formado pelo verbo auxiliar *haver* é muito maior. Encontrámos 340 casos. A maioria destes exemplos figura em orações temporais (315). Este tempo exprime sempre os processos imediatamente anteriores às outras ações que se encontram em orações principais. A proporção das conjunções usadas é seguinte: *depois/pois que* – 233 casos, *desque* – 29, *logo que* – 18, *quando* – 15, *como* – 8, *tanto que* – 7 e *assy que* – 3. Vejam-se alguns exemplos deste emprego.

(12) E, depois que todo esto **ouve feito**, deitou a beenção a suas filhas e ecomendouhos todos a Deus (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

(13) E, desde esto **ouve feito**, foisse pera Roma muy alegre e muy loução (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

(14) E, logo que elle **ouve feito** o dito juramento, todos aquelles que eram em essas cortes, que algo valliam, lhe fezeron menagen, como a senhor natural, que o servissem e fezessem por elle como por seu dereito senhor (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

Também nestes exemplos, deparamos com o emprego da conjunção *como* no sentido temporal (ex. 15 e 16).

(15) E Sam Gregorio lhe disse: - Agustinho, esse que tu demandas, em mais alto logar he. E, como esto **ouve dito**, desapareceulle a vyson (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

(16) E, como forõ preto delles, Pero Vermuiz nõ o pôde mais sofrer e disse ao Cide: - Acorrede aa bandeira! E, como **ouve dita** esta pallavra, ferio o cavallo das sporas e foisse meter onde os mouros erã mais espessos, recebendo delles muytas feridas por lhe fazer abaixar a bandeira (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

Em 15 casos, o pretérito anterior apareceu em oração relativa (e um caso em oração causal). Nestes exemplos, este tempo denota sempre os processos pretéritos e pode ser substituído pelo pretérito perfeito simples (ex. 17 e 18).

(17) E sse depoyos nõno quiser fazer podeno scomugar per rrazõ do jurameto que **ouue feito** por que nõ meosprece o mãdameto da sancta igreja mays nõ polo erro que fez de que foy ia asolto (*Afonso X, Primeyra Partida*).

(18) Mays se per uëtura o dono da herdade que uêço è juizo. fosse tam pobre. que nõ podesse ao outro entregar as despesas que y **ouue feitas** nouamët. pero quisesse uëder quanto auya (*Afonso X, Terceyra Partida*).

Registámos também 9 casos em que este tempo figura na oração principal (ex. 19). Também nestes exemplos, o pretérito anterior exprime os processos pretéritos.

(19) E por esso **ouue dito** que nõ erã todos liphos (*Afonso X, Primeyra Partida*).

Também no corpus, apareceram 9 ocorrências do pretérito anterior formado pelo auxiliar *ser*. Em 4 casos, figura na oração temporal (*depois que* – 3 casos, *logo que* – 1) (ex. 20).

(20) E, depois que el rei de Navarra e o conde Fernã Gonçalvez **foron tornados** pera suas terras, leixou el rey dom Ordonho a dona Orraca, sua molher, filha do conde dom Fernã Gõçalvez, a qual elle tomara por poer paz antre os Leoneses e os Castellãos (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

As restantes ocorrências são representadas pelo emprego deste tempo em orações conformativas (ex. 21).

(21) Como o Cide mādou trajer Abemaffa de Jubala pera a sua orta de Vila Nova O Cide, depois que mandou Abemaffa pera Juballa, como ja ouvystes, fezlhe dar grandes tormentos de guisa que **foi chegado** a pont o de morte (*Crónica Geral de Espanha de 1344*).

A percentagem relativa das ocorrências do pretérito anterior no século XIV segundo o tipo de oração é apresentada no gráfico 2.

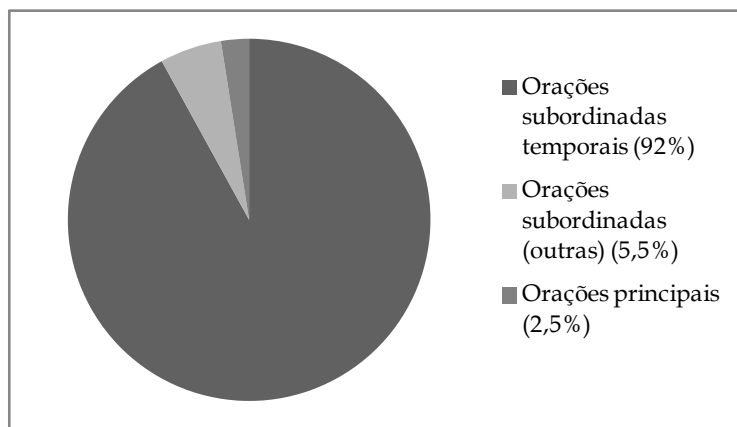


Gráfico 2. Ocorrência do pretérito anterior em vários tipos de orações no século XIV

#### 4.1.3. Século XV

No corpus, registámos 16 ocorrências do pretérito anterior formados pelo verbo auxiliar *ter*. Em 13 casos, este tempo encontra-se nas orações temporais com as conjunções seguintes: *depois que* – 6 casos, *desque* – 3, *como* – 2, *quando* – 1 e *tanto que* – 1. Também neste século deparámos com a conjunção *como* usada no sentido temporal. Em todos estes casos, o pretérito anterior exprime os processos imediatamente anteriores às outras ações passadas.

(22) [...] os castellaños, quando isto virom, começaram de rroubar toda a cidade, e depois que a **teverom rroubada** disserom que pois elles começaram de lhe poer o fogo, que elles lh’ a ajudariam a queimar de verdade (*Fernão Lopes, Cronica de Dom Fernando*).

(23) E des que isto **teve acabado** tornou a consolar sua gente e esforçoua quamto mais pode dandolhes mui largamente do seu e começou a fazer os muros da cidade e assi todallas outras cousas que lhe pareceo que o haviam mister (*Coronica troiana em linguaagem portuguesa*)

Na oração principal, este paradigma aparece em 3 casos em que o seu valor temporal é a expressão do passado.

No que diz respeito ao pretérito anterior formado pelo auxiliar *haver*, registámos 78 casos. Em 66 exemplos, figura nas orações temporais introduzidas pelas seguintes conjunções: *depois que* – 42 casos, *quando* – 12, *desque* – 5, *tanto que* – 5, *logo que* – 1 e *assy que* – 1. Na maioria destes casos, este paradigma denota as ações imediatamente anteriores aos processos expressos na oração principal (ex. 24-27). Apenas no



exemplo com a conjunção *assy que*, o pretérito anterior exprime uma ação imediatamente posterior aos outros processos que figuram na frase. Acrescente-se que o seu significado temporal está influenciado pelo sintagma adverbial *em pouquo tempo* (ex. 28).

(24) Depois que esto **houve feito** nom houve tam gram força que podesse subir no cavalo nem ir a Melias ante caiu em terra tam mal chagado que nom cuidou a gorecer ende. (A Demanda do Santo Graal (cópia do século XV).

(25) Et tâto que esto **ouve dito**, vëo hûu lume tâ grãde que se nõ podiã veer hûs outros (Miragre de Santiago).

(26) Et desque esto **ouve dito**, desapareçulle, et aa manãa, desque sayrõ dos fol. 56r ma-tiins chamou o home boo os mellores homës clerigos et leigos que achou, et cõtoulles en commo vira todo esto et oyra, et commo depois aparesceu que era bõ çerto, et escripulo o dia et a era (Miragre de Santiago).

(27) De como toda a corte reall creerom a viinda de Christo e derom louvores ao Senhor De-pois que a rainha catolica **ouve ditas** estas razões, calarom.se os judeus, ficando, todaviia, em sua perfia (Corte Enperial).

(28) E o conde çerquava as vilas e lugares e castelos e combaty-os com artefijos de guerra e tomav-os por força, asy que em pouquo tempo **ouve tomado** os lugares do regno [...] (Cronica de Portugal).

Em 7 casos, este paradigma encontra-se em oração relativa. Nestes exemplos assume o valor temporal da anterioridade aos outros processos passados como no exemplo 29.

(29) E des que forõ recolhidos na barca & se sayrõ em terra logo se afundou a casa de bayxo cõ pilatus toda que nõ parecia pedra nẽ parede nẽ signal que homë podesse dizer que alli **ouue estado** casa (Estoria de muy noble Vespesiano)

Em 3 ocorrências em que o pretérito anterior figura na oração principal, este tempo denota sempre as ações pretéritas (ex. 30).

(30) Das poblas dos fillos de Cam et de cõmo **ouverom mudados** os seus nomëes (General estoria).

Deparámo-nos também com dois casos específicos: no primeiro, o pretérito anterior figura na oração concessiva introduzida pela conjunção *ainda que* (ex. 31) e no segundo, na oração causal (ex. 32).

(31) Ca alguuns chamou a Ordem por espamtos, e a outros por visões, e a outros por manjar espiritual, a outros por manjar eternall, e alguuns guardou em nas tentações, e a outros em nos escarnos e illusiões, e a outros em nas tribulações da morte, segundo que manifestamente parece em nos emxemplos de jusso escritos e em nos que se ham logo d'esperver, aimda que nom **ouve achado** em que tempo acoiteçerom, e segundo pareçera esso meesmo por outros emxemplos que a jusso em seus tenpos seram esritos (Crónica da Ordem dos Frades Menores, 1209-1285).

(32) Et por eso a trouxe aqui, porque por uertude de Santiago a **ouve tirada** da cabeça (Miragre de Santiago).

O pretérito anterior formado pelo verbo auxiliar *ser* aparece em 5 casos. Em 4 exemplos, figura na oração temporal: *tanto que* – 2 casos, *quando* – 1 e *desque* – 1 (ex. 33). Em todas estas ocorrências, este paradigma exprime o valor temporal da anterioridade



imediate no passado. Um exemplo é representado pela oração causal introduzida pela conjunção *porque*.

(33) E, des que el-rey **foy partido** de Santarem pera ir fazer guera aos mouros d'Antre Tejo e Odiana e teve o cerquo sobre Beja, pasarom dous anos (*Cronica de Portugal*).

Para este século, registámos também 16 casos com o verbo *tornar*. Na nossa opinião, estes exemplos oscilam, porém, entre o tempo composto e a construção resultativa (ex. 34).

(34) [...] et por aquelo quelle Deus avia defendido que nõ catasse atras, et ella passou oseu mädado et quebráto, et logo foy feyta húa ymage de pedra sal, tam grande cõmo ella era, et aly se quedou en esse lugar meésmo hu **foy tornada**, cõmo se fosse outra pedra que nascesse aly da terra (*General estoria*).

A percentagem relativa das ocorrências do pretérito anterior no século XV segundo o tipo de oração é apresentada no gráfico 3.

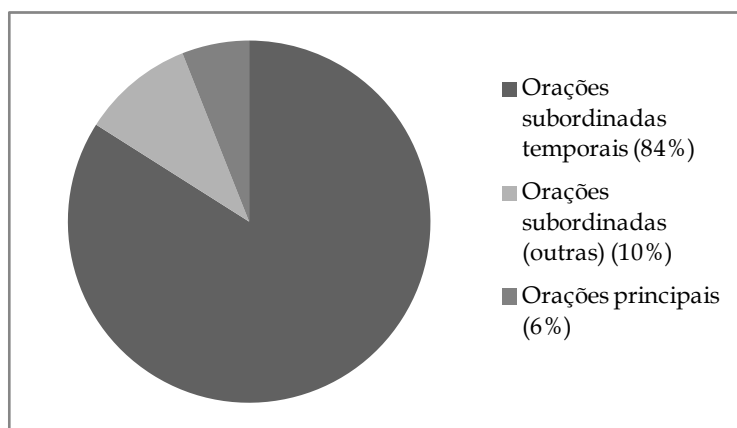


Gráfico 3. Ocorrência do pretérito anterior em vários tipos de orações no século XV

#### 3.1.4. Século XVI

Para este século deparámos com apenas dois casos do pretérito anterior formado pelo auxiliar *haver*. No primeiro caso, este tempo figura na oração temporal (*depois que*) (ex. 35) e no segundo encontra-se na oração relativa (ex. 36). Nos dois casos, este paradigma tem o valor temporal da anterioridade no passado.

(35) Capitulo.iiij. DEspoys que cublay **ouue ajuntado** seu exercitu se foy cõ sua hoste. & em.xx. dias chegou ao campo onde Nayã esperaua ho exercitu do Rey cayndu. & a noyte folgou ho exercitu de cublay açerca de huú outeiro. mas ho pouoo de Nayam era espalhado pella campina desarmado & ocupado em solazes & prazeres (Marco Polo, Marco Paulo).

(36) Se quiserdes leuar a vossa terra honra & proueito para vos & vosso pai, eu vos aconselho que cõpreis húa ossada de hû Sãcto christão que aqui padeceo, a que os christãos tinham ã grãde veneraçã, & de herãça ã herança ficou aos herdeiros do que primeiro a **ouue aualiada** em tres mil cruzados, & ã tanto está taxada (Gonçalo Fernandes Trancoso, *Contos & historias de proveito & exemplo*)

Nos séculos posteriores, nenhum exemplo do pretérito anterior foi registado.

## 5. Conclusões

Agora resumamos os resultados da nossa pesquisa *in corpora* do século XIII ao XVI. No primeiro gráfico, apresentamos a ocorrência do pretérito anterior segundo o tipo de oração.

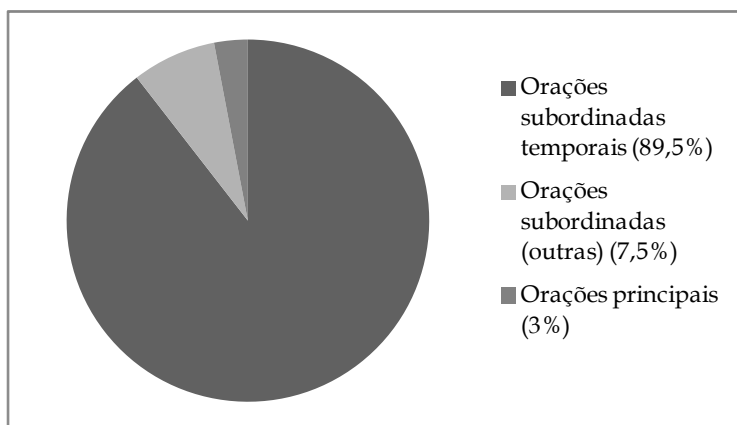


Gráfico 4. Ocorrência do pretérito anterior em vários tipos de orações

O gráfico seguinte mostra a percentagem da ocorrência deste paradigma nas orações subordinadas temporais, ou seja, no tipo de oração mais típico do pretérito anterior, em vista da conjunção pela qual as orações são introduzidas.

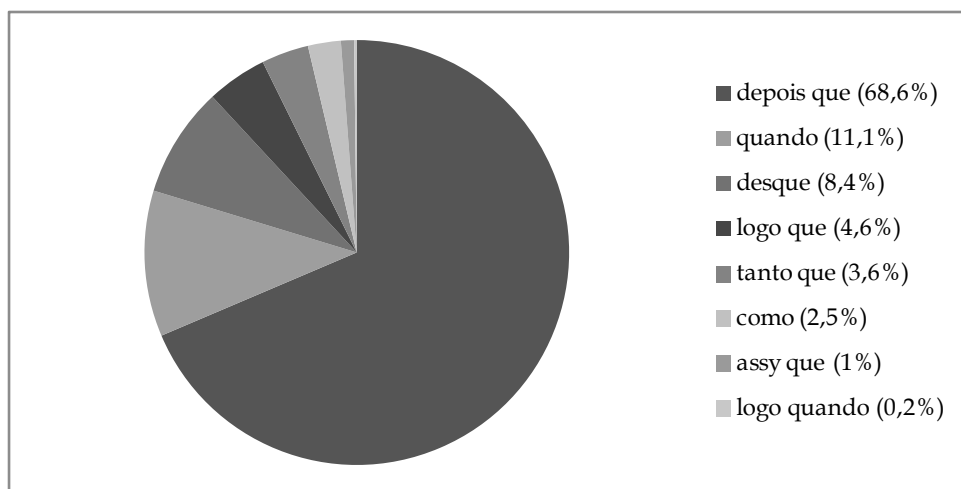


Gráfico 5. Ocorrência do pretérito anterior nas orações temporais segundo as conjunções

Olhando para os resultados da nossa análise corporal do pretérito anterior, podemos constatar que este é um tempo que se usava apenas no Português Arcaico

(século XIII-século XVI) apesar de a sua frequência no fim deste período (no século XVI) ter sido muito baixa. A sua maior frequência foi registada no século XIV. Desde a época do Português Clássico, este paradigma deixou de se usar. Em termos sintáticos, podemos concluir que ocorria nas orações subordinadas temporais com uma frequência muito alta (89,5%). Muito menos frequentemente aparecia noutros tipos de orações, sobretudo nas orações subordinadas relativas e principais. A proporção do seu emprego em vários tipos de orações era relativamente estável (veja-se os gráficos 1-3). Só no século XIV, a frequência deste paradigma em outros tipos de orações subordinadas (não temporais) diminuiu. A conjunção de longe mais frequente pela qual eram introduzidas as orações temporais era *depois que* (68,6%). Seguiam-se as conjunções *quando* (11,1%), *desque* (8,4%), *logo que* (4,6%) e *tanto que* (3,6%). A nossa análise mostrou também que o pretérito anterior era muito menos frequente com o verbo auxiliar *ter* do que com o auxiliar *haver*. A sua baixa frequência foi registada também no século XV em que o verbo auxiliar *ter* começou a ser usado de maneira sistemática nos tempos compostos portugueses (cf. Berta 2017: 118).

Na maioria dos casos analisados, o pretérito anterior exprimia os processos imediatamente anteriores às outras ações passadas. Estes processos estão, assim, relacionados com o ponto de referência que fica no passado (valor de «current relevance»). Este valor temporal é típico sobretudo das orações temporais. Nos outros tipos de orações, este paradigma assumia também o significado temporal do pretérito. Enquanto que nas orações temporais, a anterioridade imediata a outros processos passados é sempre co-denotada pela conjunção (*depois que, deque, logo que, tanto que, assy que*), noutros tipos de orações, esta co-denotação falta e por isso os valores temporais deste paradigma variam (pretérito, antepretérito ou antepretérito imediato). Na nossa opinião, este aspeto é provavelmente o motivo principal do desaparecimento deste tempo na língua portuguesa. O valor temporal de anterioridade imediata a outros processos passados é suficientemente expresso pela conjunção da oração temporal e por isso o pretérito anterior pode ser substituído por outro paradigma, nomeadamente pelo pretérito perfeito simples, facto que se pode deduzir de muitos exemplos mencionados neste texto. Esta tendência é confirmada por Tibor Berta que constata que, na versão portuguesa de *História de Vespasiano*, o tradutor substituiu muitas vezes o pretérito anterior espanhol pelo pretérito perfeito simples português (Berta 2017: 114). Nas orações relativas ou principais, o pretérito anterior ocorre com uma frequência muito baixa e não tem um valor temporal específico que o distinga dos outros tempos (cf. Zavadil-Čermák 2010: 285). No sistema temporal da língua portuguesa, o pretérito anterior foi considerado tempo redundante e por isso os falantes do Português deixaram de usá-lo.

## Reconhecimento

Este artigo teve o apoio do projeto da Universidade Carolina *Progres 4, A Língua nas mudanças de tempo, espaço e cultura*.

### **Bibliografia**

- BERTA, Tibor (2017), «La influencia española en la versión portuguesa de la *Historia de Vespasiano*. Los tiempos compuestos», *Identidad, movilidad y perspectivas de los estudios de lengua, literatura y cultura*, Universidad de Belgrado / Universidad Gabriele D'Annunzio Chieti-Pescara, 93-128.
- BROCARD, Maria Teresa (2014), *Tópicos de História da Língua Portuguesa*, Lisboa: Edições Colibri.
- CARDOSO, Adriana - PEREIRA, Susana (2003), «Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em Português», *Revista da Abralín - Associação Brasileira de Linguística* 2(2), 159-181.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva (1933<sup>2</sup>), *Syntaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- HAMPLOVÁ, Sylva (2002), *Nástin vývoje italského jazyka*, Praha: Karolinum.
- HAMPLOVÁ, Sylva (2004), *Mluvnice italštiny*, Praha: Leda.
- HRICSINA, Jan (2017), «Evolução do verbo auxiliar no Português Europeu», *Études romanes de Brno* 38/2, 165-184.
- HUBER, Joseph (2006<sup>2</sup>), *Gramática do Português Antigo*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SILVEIRA BUENO, Francisco da (1955), *A Formação histórica da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- ŠABRŠULA, Jan (1986), *Vědecká mluvnice francouzštiny*, Praha: Academia.
- ZAVADIL, Bohumil (2004), *Vývoj španělského jazyka II.*, Praha: Karolinum.
- ZAVADIL, Bohumil - ČERMÁK, Petr (2010), *Mluvnice současné španělštiny*, Praha: Karolinum.